

As elites nos primórdios do ensino da Medicina no Porto

**Anabela Araújo de Carvalho Amaral e Margarida Louro
Felgueiras**

Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade
de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

anabemara@gmail.com, margalf@gmail.com

Resumo

A sociedade e a doença determinaram no século XIX a alteração dos padrões de exigência relativos à prática da medicina e do seu ensino. As elites de cirurgiões revelaram preocupações com a falta de sanidade pública, que colocava em risco o indivíduo. O corpo humano adquire protagonismo e passa a dominar o questionamento de uma classe no sentido de procurar, com urgência, as respostas aos fenómenos que envolvem a complexidade do seu funcionamento. O corpo constitui-se objeto de ciência.

Neste projeto, as dissertações inaugurais da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1827-1910), constituíram a fonte privilegiada para a reconstituição da rotina na vida hospitalar, espaços médicos, caracterização de doentes e alunos estudantes de medicina, das suas origens e do seu estatuto social, preocupações e prioridades médicas.

Palavras-chave: Medicina, Ensino, Doença, Saúde Pública

Abstract

In the 19th century the society and the disease led to the questioning of the standards for the practice of medicine and its teaching. The elites of surgeons revealed concerns about the lack of public health, which placed at risk the individual. The human body acquires role and passes to dominate the questioning of a class in seeking urgently responses to phenomena involving the complexity of their operation. The body is the object of science.

In this project, the inaugural dissertations of Medical-Surgical School of Porto (1827-1910), were the prime source for the reconstitution of routine life in hospital medical spaces, the characterization of patients and medical students, their origins and their social status, medical concerns and priorities.

Keywords: Medicine, Education, Disease, Public Health

Olhar o corpo

O século XIX determinou a alteração dos padrões de exigência relativos à prática da medicina e do seu ensino. A sociedade e a doença não permitiam que se mantivesse o amadorismo e a falta de rigor relativos à prática médica e cirúrgica.

As elites de cirurgiões revelaram preocupações com a saúde pública que colocavam em risco o indivíduo e que comprometiam as gerações vindouras. O corpo humano adquire protagonismo e a aproximação da morte deixa de estar votada ao fatalismo. O corpo passa a dominar o questionamento de uma classe no sentido de procurar, com avidez e urgência, as respostas aos fenómenos que envolvem a complexidade do funcionamento do corpo. O corpo ocupa um lugar com diferentes «envelopes: a pele, o halo sonoro da sua voz» (Corbin, p.8). Este corpo físico, material, «pode ser tocado, sentido, contemplado. É aquela coisa que os outros vêem. É objeto de ciência. Os sábios manipulam-no e dissecam-no. Medem a sua massa, densidade e volume, a temperatura. Trabalham-no. Mas este corpo dos anatomistas ou dos fisiólogos difere radicalmente do corpo de prazer ou de dor.» (Corbin, p.8).

Os grupos de elites mobilizaram-se, recolheram apoios e mesmo com o investimento pessoal e particular, apostaram em viagens de aprendizagem ao estrangeiro, que avidamente difundiam junto dos seus pares. Divulgaram as práticas e fundamentos adquiridos, criaram meios de divulgação

próprios, organizaram tertúlias, conferências, congressos, inúmeras formas de publicação. Simultaneamente recolhiam apoios e faziam pressões públicas para que o ensino médico fosse valorizado e institucionalizado.

Dada esta picaresca pobreza de tirocínio escolar, é para notar com certa admiração que entre a chusma dos curandeiros diplomados, a impar de ignorância e de imperícia por mal da humanidade, se destacassem ainda, imaculados de tanta podridão, cirurgiões de merecimento, alguns dos quais estamparam o seu nome nas páginas da medicina portuguesa.

Quando se olvidará o nome do erudito e prestante Manuel Gomes de Lima, que se empenhou em fornecer aos cirurgiões do seu tempo os melhores conhecimentos da época, publicando livros de mérito e de boa lição? Homem de iniciativa rasgada e inteligente, muito acima da sua época e do seu meio, inaugurava audaciosamente o jornalismo médico em Portugal e agremiava os mais distintos colegas portuenses na academia cirúrgica, criando ao mesmo tempo um cenáculo de discussões médicas e um consultório gratuito de doentes para instruções dos associados. (Jorge, 1885,p.92)

Entrou-se num processo em que se agravou a tensão entre o conceito do corpo. O corpo como «objecto de ciência, de trabalho» (Corbin, p.8), o corpo dissecado e trabalhado, distingue-se, de forma muito pouco pacífica, do corpo produtivo, nas reflexões de Foucault «os corpos submissos e exercitados, corpos dóceis» (Foucault, 2006, p.119). A ambiguidade das fronteiras entre «o corpo sujeito e o corpo objecto, entre o corpo individual e o corpo colectivo, entre o interior e o exterior» problematizou a atividade do médico. Determina-se a necessidade de explorar, de estudar. A pesquisa assume uma pertinência científica e social e a «construção de uma taxinomia social do corpo». (Corbin, p.10)

A Instituição

O ensino da Medicina na cidade do Porto começou com a Régia Escola de Cirurgia que funcionou durante onze anos (1825-1836) no Hospital da Misericórdia e posteriormente Hospital de Santo António. Em 1836, com o objetivo de melhorar o ensino da Medicina, foi criada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Só em 1911, com a criação da Universidade do Porto, surgiu a Faculdade de Medicina.

Assim, por decreto de 29 de dezembro de 1836 foi criada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto cujo curso de Medicina tinha a duração de cinco anos e nove cadeiras curriculares. Vieira de Castro (1796-1842), Sá da Bandeira (1795-1876) e Manuel da Silva Passos (1801-1862) determinaram uma franca reforma dos estudos cirúrgicos. Ao curriculum cirúrgico de 1825 associaram-se cadeiras novas de cariz médico. Nesta reforma de 1836 as condições de matrícula eram a idade mínima obrigatória de 14 anos e os exames de Lógica e Latim. Mais tarde exigiu-se 16 anos de idade e a frequência dos estudos preparatórios na Academia Politécnica.

O funcionamento da Escola Médico-Cirúrgica do Porto foi definido em regulamento aprovado pelo Decreto de 23 de abril de 1840, o qual abrangia todas as unidades orgânicas do estabelecimento: Conselho Escolar, Director, Secretário, Tesoureiro; os estabelecimentos particulares (gabinete anatómico, casa das dissecções, gabinete dos instrumentos cirúrgicos, gabinete de matéria médica e farmácia, laboratório farmacêutico, horto botânico, biblioteca); o curso médico-cirúrgico e os cursos anexos (curso farmacêutico e curso de parteiras).

O ensino médico

O ensino da Medicina na cidade do Porto tem uma origem bastante rudimentar e fundamentalmente prática com um predomínio dado à cirurgia. O ensino quase não existia em detrimento da prática de cirurgia. As condições de funcionamento da escola eram muito rudimentares e sem condições conforme o testemunho de contemporâneos:

O ensino da anatomia era deplorável (...) defronte da porta de entrada via-se uma espécie de púlpito (...) cheio de caruncho e pó: era a cadeira do professor de anatomia. A meio da sala via-se uma banca em forma de rabeção grande, pintada da côr de sangue de boi, (...) mais parecia de banca de lavar a loiça do que de mesa de anatomia. O principal ornato da aula era “uma espécie de múmia” a que chamavam esqueleto natural, em que os ossos estavam presos pelos ligamentos que tinham podido resistir aos golpes desapiedados do inexorável escalpelo. Os ligamentos interósseos dos antebraços e pernas, os sacrosiáticos e obturadores tinham desaparecido. (Lemos, 1925, p.2)

A múmia descrita seria a melhor peça desta aula e reuniam-se-lhe algumas caveiras velhas e partidas, alguns ossos, também em mau estado, espalhados pelo chão, cheios de teias de aranha e muito sujidos.

Para além do material didático ser escasso e muito rudimentar, os assuntos eram abordados superficialmente de forma pouco rigorosa e pouco sistemática.

«Para o estudo dos centros nervosos e da origem aparente dos nervos, mandara-se pedir (...) ao lente de anatomia de Coimbra, um cérebro que ele remetera dentro de um pequeno barril de água-ardente.» (Lemos, p.2)

O horário das aulas era determinado pelo corpo catedrático e pelo enfermeiro-mor do Hospital, também decidiam as matérias a abordar em cada curso e a organização dos compêndios a utilizar.

As lições duravam hora e meia em que metade era dedicada a ouvir as exposições dos alunos e a seguinte à matéria da aula seguinte. As aulas eram diárias exceto aos domingos e dias santos. As aulas de sábado eram dedicadas às repetições das aulas da semana, do 3º, 4º e 5º ano. Estas aulas eram constituídas por interrogatórios de quinze minutos para cada aluno. As faltas a estes interrogatórios contavam a dobrar.

Os lentes substitutos tinham as mesmas obrigações que os proprietários quando os estivessem a substituir mas «o de anatomia e o demonstrador tinham exercício permanente e eram encarregados de fazer as lições de anatomia que eram explicadas pelo lente no dia seguinte, e de velar pelo azeite da aula e pela limpeza e conservação dos instrumentos e peças do gabinete de anatomia.» (Lemos, p.11)

As matrículas decorriam durante o mês de setembro e eram publicitadas, em edital, na imprensa portuguesa com grande formalismo.

Inicialmente o aluno tinha que provar a idade, catorze anos, e os conhecimentos de Latim e Lógica. A passagem de um ano para o outro era feita por exames, a matrícula no 4ºano estava dependente de uma prova, o aluno teria que saber traduzir em duas línguas vivas europeias, francês e inglês.

A abertura do ano letivo, do final do mês de novembro, constituía um momento bastante pomposo que envolvia uma dinâmica com intenções várias de apresentar os alunos, como elites em formação, nos estratos mais elevados e poderosos da sociedade. Esta cerimónia assemelhava-se a um ritual de debute dos futuros cirurgiões onde os convites aos representantes mais proeminentes da sociedade eram feitos pessoalmente e com grande cerimónia e em número considerável que rondava os 400 convites.

A oração inaugural constituía o momento alto da cerimónia, era proferida pelo diretor e cumpria os trâmites protocolares enunciando o projeto educativo da escola e do curso que se iniciava então.

A festa foi luzidia. A sala estava vistosa, uma rica alcatifa dava-lhe um aspecto religioso, o que reforçavam serpentinas de parede e um grande lustre em que ardiem 46 velas de cera. Uma orquestra colocada em bancada especial executava alguns trechos selectos. A assistência teria sido numerosa porque foram alugadas 268 cadeiras. (Lemos, p.20)

Depois dos discursos era oferecido aos convidados um frugal copo de água com doce, vinho tinto e vinho branco, os professores «contribuíram com três moedas que se duvida terem sido restituídas.» (Lemos, p.20)

A criação das escolas de cirurgia teve também uma função legitimadora e reguladora das práticas que envolviam o bem-estar humano e precariedade da vida. Esta instituição «foi um golpe vibrado nos processos sumários então em voga para passar cartas e diplomas de habilitação a cirurgiões, ministrantes de meia cirurgia, sangradores, dentistas, algebristas, boticários, parteiras e emplastradeiras, indivíduos pela maior parte inexperientes, que, não tendo seguido nenhum curso oficial, se apresentavam simplesmente ao exame, reduzido, por vezes, a uma ilusória formalidade.» (Monteiro, 1926, p. II)

Ricardo Jorge satirizou os rituais de exame, as condições em que se realizavam, assim como os profissionais, com as mais diversas proveniências e estatutos sociais e laborais, que eram habilitados por tais actos: «À escola médico-cirúrgica de costado entronca na mísera oficina hospitalar que despachava a esmo sangradores e cirurgiões ministrantes, nos tempos legendários em que uma lanceta brutal era serva prestante da navalha de barba.» (Jorge, 1885, p.102)

A comprovar as críticas de Ricardo Jorge são os subterfúgios amplamente difundidos e generalizados que tacitamente eram aceites e legitimadores para uma profissão que tinha em seu poder a vida e a morte e que irresponsavelmente ninguém punha em causa. Maximiano Lemos, a propósito do exame de sangria, descreve um dos artifícios utilizados com a cumplicidade generalizada.

Ordinariamente, os alunos do Hospital, depois de completado o curso ou no decorrer dele, faziam o seu exame de sangria perante o delegado do cirurgião-mor do reino. Muitos contentavam-se com ele. (...) era extraordinário o que se passava. O primeiro encargo que se impunha ao candidato era comprar vara e meia de fita larga de cetim lavrado, da mais rica que pudesse encontrar, para a apresentar na ocasião em que os examinadores, depois de terem feito algumas perguntas, sobre as generalidades da sangria, mandassem ao meirinho do juízo despir a casaca, afim do examinando mostrar no robusto braço as salientes veias em que se costumava sangrar. O candidato desenrolava logo o mágico talisman; os examinadores admiravam as matisadas cores, e o presidente, limpando os óculos, mudava o ar severo em meiga docilidade: ponderava aos examinadores, que o senhor examinando pelo que mostrava, era muito entendido na matéria; e que por isso o dispensava da prova prática. (Lemos, p.3)

Depois deste veredicto, o examinador, por ser pena amarrotar tão linda fita, tocava a campainha e a sua criada Rosa aparecia e levava o deu tributo, a fita de cetim. Despedia-se com uma vénia, o examinador vestia o casaco, acabava a farsa e o candidato era aprovado.

Nos exames de cirurgia, mediante uma gratificação dada ao secretário do juízo, conseguiam-se as questões do exame com três meses de antecedência. Era ainda possível, na véspera do exame e a troca de uma quantia, solicitar a um dos examinadores, um esclarecimento acerca dos pontos do exame do dia seguinte para que o candidato tivesse um desempenho irrepreensível.

Se o aluno tivesse possibilidades e se pretendesse ser generoso oferecia um bom jantar aos examinadores e ao secretário. Neste jantar era «brindado e abraçado como um novo colega que vinha dar muita honra à profissão.» (Lemos, p. 6)

Existem ainda testemunhos de cirurgiões que se deslocavam a cidades, onde não seriam conhecidos, realizavam os exames sob falsa identidade e recebiam o respectivo pagamento.

Durante o funcionamento da Régia Escola de Cirurgia verificou-se uma tentativa de registo diário na cadeira de clínica cirúrgica. Estes diários teriam objetivos didáticos e científicos «Estes diários são guardados e no fim do ano se mandarão imprimir com o título de Anuário cirúrgico e médico.» (Lemos, p.10). Embora existam alguns exemplares destes registos diários da prática clínica, nunca foi concretizada a sua publicação.

A avaliação dos alunos era pouco sistemática e com inúmeras irregularidades, no entanto, o exame no 4ºano era uma prova pública, em que os alunos que obtivessem aprovação podiam exercer a arte cirúrgica, sendo-lhes atribuído o respectivo título pelo cirurgião-mor do reino ou pelo seu delegado.

Os cirurgiões aprovados na Escola Régia de Cirurgia constituíam uma verdadeira elite da sociedade portuense eram inúmeros os privilégios inerentes à sua nova condição profissional, tinham assim «preferência no provimento dos lugares de cirurgiões dos regimentos, brigada real da marinha e primeiros cirurgiões da armada real; preferência no provimento e substituição das cadeiras de cirurgia da mesma Escola. Podiam finalmente exercer a medicina onde não houvesse médicos formados na Universidade de Coimbra, ou onde o seu número não bastasse para satisfazer as necessidades dos enfermos, sem precisão de qualquer outro exame.» (Lemos, p. 13)

As teses inaugurais da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1827-1910)

Os alunos que concluíam, com sucesso, os cinco anos do curso, requeriam a submissão ao Acto Grande (Regulamento, 1840, p.20). Uma tese acompanhava este requerimento, a dissertação inaugural, sobre o tema por eles escolhido e assim superada esta prova, teria, o quintanista, o título de médico-cirurgião.

O trabalho realizado pelos alunos no final do curso, tinha a designação de «Dissertação Inaugural» e constituía um trabalho que deveria ser uma escolha ou uma sugestão baseada na prática clínica e nos interesses revelados ao longo do curso. «Servirá de objecto do Acto grande uma dissertação sobre qualquer matéria de cirurgia, escolhida pelo candidato e seis proposições médicas ou Cirurgicas, igualmente de sua escolha, escriptas no fim da dissertação.» (Almeida, 1910, p. 289)

Com a análise das dissertações inaugurais, atesta-se que esta prática não se concretizou, este trabalho era, seguramente para a maioria dos candidatos, uma obrigação que cumpriam com relutância pelos mesmos motivos, a falta de tempo para a investigação e posteriormente para a escrita da dissertação. Este trabalho era escrito «nas horas vagas do ultimo anno lectivo» (Oliveira, 1906, p.10). Verifica-se assim, que a redação da dissertação inaugural, não era uma prioridade mas um trâmite legal incontornável.

Somos obrigados a apresentar, para conclusão do nosso curso, um trabalho qualquer escripto e forcem-nos circunstâncias várias a apresentar esse trabalho. A este propósito, expomos o quanto pudemos compendiar nas poucas horas, que a frequência do 5.º anno nos deixou livres. Como não escrevemos para, por ambição ou amor próprio, nos fazemos auctor, tendo apenas em vista cumprir um dever a que dura lei não nos deixa fugir, julgamos merecer, por isso, toda a benevolência d'aquelle que se dê ao trabalho de nos ler estas linha escriptas por necessidade d'occasio, sem forma litteraria, nem valor scientifico. (Villas-Boas, 1906, p.14)

Destaca-se na maioria dos candidatos a urgência na aquisição de um título que lhe proporcionasse a legitimação para o início da profissão, descurando a prestação da prova final. A introdução das dissertações apresentadas revela comentários denunciadores dos candidatos em que mostram alguma relutância na sujeição a este trabalho académico. Era do conhecimento académico «a deplorável que tem os nossos médicos em deixar trabalhos escriptos, em que o seu valor scientifico se demonstre e perpetue.» (Lima, 1908, p.184)

As dissertações inaugurais constituem assim uma fonte, quase exclusiva, para a reconstituição do ensino da medicina e mesmo da prática médica na cidade do Porto. Pires de Lima foi o responsável pela primeira recolha e organização destas dissertações em 1908 e, após uma análise das mesmas constata o seu valor indiscutível, no mapeamento das preocupações, investigações, casos clínicos e reflexões dos médicos de então.

As sociedades e as revistas médicas portuenses nunca puderam ter, por isso, vida desafogada e longa, e quem quizer conhecer a evolução da medicina n'esta cidade nos últimos tempos, e a influência poderosa que a Escola Médica tem tido no nosso recrio meio, é forçado seguramente a recorrer às theses inauguraes como principal fonte para esse estudo. (Lima, p.184)

Apesar das virtudes historiográficas das dissertações inaugurais há que realizar uma análise mais atenta considerando as críticas de Ricardo Jorge «Desventuradamente para nós a grande massa das

dissertações reduz-se a papel estragado no prelo e que não pode senão a baixa serventia. São coisas indignas de ler-se, que desdouram não só o neófito como o estabelecimento de que o deixa habilitar à posição médica». (Jorge, 1885, p.86)

Ricardo Jorge assume-se como o grande crítico do ensino médico da escola do Porto, considera este ensino afastado dos grandes centros científicos da Europa. Manifesta grandes e legítimas preocupações pela reduzida produção médico-científica que ignorava a realidade social e assim comprometia o bem-estar público. Alertava os organismos oficiais para as questões higiénicas, para a insalubridade habitacional, para a promiscuidade da saúde pública, desfasada das epidemias e doenças infecto-contagiosas emergentes e que demorariam a combater.

Este médico, lente proprietário da cadeira de Higiene e Medicina Legal da Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1895, tece duras críticas às dissertações inaugurais que considera pouco pertinentes para a realidade da época, sem inovação científica e em grande parte dos casos encomendadas, considera-as «farrapagem simplesmente copiada ou comprada a mercado vergonhoso» (Lima, p. 184), algumas delas, copiadas, pela tradução «a audácia e o menosprezo chegam a tal ponto de traduzir barbaramente qualquer dissertação francesa, a ver se logram, como tantas vezes conseguem, presidente e júri. Destas infandas farsas podia eu oferecer picarescos exemplos.» (Jorge, p.87)

Apesar destas duras críticas, estas teses académicas fornecem informações e pistas importantes na reconstituição da rotina na vida hospitalar do Hospital de Santo António, na caracterização dos alunos estudantes de medicina, das suas origens e do seu estatuto social. Indiscutivelmente estes alunos constituíam uma elite com diferentes proveniências, alguns tinham origem abastada e davam continuidade a uma linhagem de médicos, outros pertenciam a famílias que, com grande sacrifício financeiro e com espírito liberal, consideravam a educação uma prioridade e um importante factor de promoção pessoal e social. Alguns cursos são financiados por padrinhos e outros familiares que enriqueceram no Brasil e a quem os alunos se mostram gratos e reconhecidos nos agradecimentos iniciais das dissertações inaugurais que apresentam.

Conhecem-se movimentos de filantropia em que, em testamento, são financiados alunos. Francisco de Assis e Sousa Vaz doou em testamento sessenta contos para subsidiar um aluno «em cada um dos anos do curso médico da escola; custear um curso de aperfeiçoamento de dois em dois anos em Paris ou em Montpellier a um médico recentemente habilitado na escola.» (Lemos, p. 76). Propunha-se ainda enviar «à França, Alemanha e Estados Unidos, de oito em oito anos, um professor para informar-se dos progressos operados nas sciencias médicas.» (Lemos, p. 76).

São elogiados estes inúmeros atos filantrópicos e Ricardo Jorge homenageia Teodoro Ferreira de Aguiar «Honra ao homem nobilíssimo que, por este rasgo de generosidade e pela elevação do seu propósito beneficiador (...) a vida da escola tem decorrido entre estes dois polos de incorredoiras proezas de dedicação.» (Jorge, p.100)

Tendo de defender perante a Faculdade de Medicina um trabalho de tese, para poder exercer a profissão que escolhi, procurei um assunto que pudesse oferecer alguma utilidade àqueles que me lerem.

Não é um assunto novo, palpitant; neste meu trabalho não há mesmo nada de original. O assunto é velho, há longo tempo debatido; mas, apesar disso, da actualidade não deixa de ser um trabalho modesto, feito de impressões colhidas aqui e além, quer em livros diversos por mim consultados, quer em algumas observações clinicas. (Villas-Boas, p.14)

Villas-Boas enuncia, na introdução da sua dissertação, o método usado para a realizar, a conjugação das leituras com a prática clínica.

Alguns alunos revelam também, cumulativamente com a frequência do 5º ano o desempenho de outras funções por motivos de urgência, o combate a epidemias e a frequência de outros cursos.

Desempenhámos junto da Delegação de Saúde do Porto, durante oito meses, o cargo de subdelegado de saúde auxiliar no combate da epidemia do tifo exantemático. Mas, surgindo outra epidemia, a da bronco-pneumonia, fomos levados para Mirandela, onde, no espaço de dois meses, não podemos fazer nada mais que atender às centenas de epidemiados que de todo o concelho reclamavam os nossos socorros. Por esse motivo e ainda pela nossa retirada para Lisboa, onde actualmente frequentamos a escola de Medicina Tropical. (Junior, 1919, p.8)

O tema das dissertações era escolhido pelo candidato de inúmeras formas, segundo os seus interesses futuros, a bibliografia que lhe estava acessível, os casos clínicos que acompanhava ou apenas com casos cedidos por outros médicos: «foi ele que nos tirou uma das grandes dificuldades, fornecendo-nos quatro doentes da sua vasta clínica, dando-nos assim assumpto para a these (...) varias vezes nos acompanhou junto dos doentes que dizem respeito a este trabalho e não poucas com o seu muito saber e talento, nos aplanou o terreno scientifico, quando elle se nos hia tornando ingreme.» (Padrão, 1916, p.21,22)

Algumas das teses enunciam temas filosóficos em que são muitas as reflexões sobre o papel do médico e da medicina na sociedade de então: «um bom médico é também um optimo philosopho socialista.» (Farol, 1865, p. 11). O mesmo aluno apresenta uma argumentação extensa em que enaltece a futura profissão:

Na verdade é a caridade clinica a genuina feição, porque no mundo nos parecemos com a Divindade, e assim bem está na razão quinhoar-lhe as honras e idolatria; isto foi em tempos de crédula devoção com os bemfeitores; não sabiam os povos como louvar a sublime virtude abnegação da própria vida para socorrer a do próximo: ardem mortíferas epidemias, e devastam a eito a população, fogem todos a salvar-se da pestilencia que o tomba; a amizade, o sangue, e até o amor maternal desamparam o leito contagioso e ahí morre no seu posto de caridade; a urna não lhe guarda as cinzas, e de muitos nem a história o nome. O médico deve acompanhar a sociedade do berço à tumba, comprar a felicidade dos povos à custa dos próprios sacrificios. (Farol, p. 12)

Em diferentes teses é desenvolvido, analisado e comentado o conteúdo do juramento de Hipócrates como fundamento para a prática da medicina. São tecidos argumentos apaixonados reveladores de alguma ansiedade e ambição em abraçar a profissão.

Outros alunos revelam ter sido chamados a exercer a profissão como estudantes tendo intervindo para prestar assistência a vítimas de diferentes doenças: «Chamado durante a ultima estação de banhos a Mathosinhos a ver alguns doentes atacados de bexigas e convencido de que era meu dever

tomar, na lucta que se travava entre o mal epidémico e a vida dos que imploravam o auxilio da sciencia, procurei entre os diversos agentes da matéria medica um que me servisse de arma segura e fiel em um combate tão desigual.»(Castro, 1874, p. 9)

São também apresentados com pormenor, nestas dissertações, excertos descritivos do Hospital de Santo António e do seu funcionamento:

Nas enfermarias de clinica cirúrgica do hospital real de Santo Antonio: na enfermaria de mulheres da parte do nascente, há uma cama, perto da porta, junto da qual, está d'un lado uma latrina, e do outro uma fonte onde se lavam aparadeiras, deitam fios impregnados de pus, etc, as doentes, que para alli vão, teem a infelicidade de lhes ser muito demorada a cura, e já este anno tivemos ocasião de ver desenvolver-se n'ellas a podridão por duas veses: o mesmo tem acontecido na enfermaria d'homens, e foi n'essa que este terrivel flagelo se desenvolveu este anno com grande intensidade e fez até algumas victimas. As más condições hygiénicas do local, a irregularidade do serviço interno dependendo em parte de serem poucos e pouco habilitados alguns dos enfermeiros e ainda o pouco cuidado com a limpeza (apesar de continuas recomendações do illustre lente de clinica cirúrgica) são outras tantas causas que predispõem para a manifestação anual d'esta doença. (Silva, 1870, p. 30)

Os temas destas dissertações são diversos: anatomia patológica e fisiologia, radiologia e radioterapia hospitalar; ortopedia, traumatologia e reumatologia; medicina legal, epistemologia e deontologia médica, técnicas cirúrgicas, urologia e nefrologia, baseavam-se em estudos estrangeiros e nalguma prática hospitalar. As teses que versaram a climatologia, hidrologia, hidroterapia, helioterapia, procuravam apontar vias de diagnóstico e terapêutico de combate às doenças infecto-contagiosas como a Tuberculose. Algumas teses foram dedicadas à obstetrícia, ginecologia e saúde infantil.

O higienismo e saúde pública inseriram-se num contexto de mobilização social de combate às precárias condições de salubridade da cidade do Porto que propiciavam a propagação de doenças e de epidemias. Hernâni Monteiro enaltece Francisco de Assis e Sousa e Vaz que empreende uma verdadeira cruzada na melhoria das péssimas condições higiénicas da cidade:

E somos, assim, naturalmente, levados a dizer que vários professores prestaram particular atenção a questões de Higiene(...)uma figura que se consagrou, há precisamente cem anos, a beneméritos campanhas de medicina social, a ponto de em 1872 um seu biógrafo escrever que a maior parte dos melhoramentos feitos no Porto, a partir de 1834, se deviam à sua iniciativa ou à sua activíssima cooperação. (Monteiro, 1937, p. 118)

A história da medicina marcou também as dissertações inaugurais reflectindo uma temática privilegiada na escola médico-cirúrgica como afirma Hernâni Monteiro:

A tradição médico-histórica, uma das mais notáveis desta casa. É conhecido o interesse dos velhos mestres pelos estudos de História da Medicina, sobretudo respeitantes a Portugal, e ninguém ignora quanto deve, neste campo, a nossa escola e a literatura nacional à dedicação e às investigações de Assis Vaz, Aires de Gouveia, Carlos Lopes, Pedro Dias, Maximiano Lemos, João de Meira e Ricardo Jorge.

Não foi lançado em vão o apelo do velho e erudito mestre. A nossa escola, anos volvidos, como frisou Ricardo Jorge, cuja obra, extensa e valiosa, de há muito o consagrou no mundo culto, era um foco de estudos médico-históricos. (Monteiro, p. 118)

Referências

- Almeida, T. (1910). Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Anno Lectivo 1909-1910. Porto: Typografia a vapor da “Enciclopédia Portuguesa Illustrada.
- Castro, O. (1874). Aplicação do Enxofre ao tratamento das Bexigas, Dissertação Inaugural para ser defendida perante a Escola de Medicina e Cirurgia. Porto: Typographia Lusitana.
- Corbin, A. (Dir.). (2005). Histoire du Corps. Paris: Éditions du Seuil.
- Farol, A. (1865). A Libertinagem perante a História, a Philosophia e a Pathologia, These apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Typographia de José Pereira da Silva.
- Foucault, M. (2006). Vigiar e Punir. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Jorge, R. (1885). Relatório apresentado ao conselho superior d’ Instrução Pública em sessão de 6 de Outubro de 1885. Porto: Imprensa Moderna.
- Junior, J. (1919). Abôrto Criminoso, Dissertação Inaugural Apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Tipografia Adolfo de Mendonça.
- Lemos, M. (1925). História do Ensino Médico no Porto. Porto: Enciclopédia Portuguesa.
- Lima, P. (1908). Catálogo da Bibliotheca da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Typografia da Enciclopédia Portuguesa Illustrada.
- Monteiro, H. (1926). Origens da Cirurgia Portuense. Porto: s/ed.
- Monteiro, H. (1937). Relances Sobre o Ensino Médico no Porto. Porto: Tipografia da «Enciclopédia Portuguesa».
- Oliveira, R. (1906). Abscessos do Fígado, Dissertação Inaugural Apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Typographia Progresso.
- Padrão, A. (1916). O Aborto na Lepra, Dissertação Inaugural. Porto: Imprensa Nacional.
- Silva, M. (1870). Breves Considerações sobre a Podridão do Hospital ou Typho Traumatico, Dissertação Inaugural para Acto Grande apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto: Typographia Alliança.
- Villas-Boas, J. (1906). Breve Estudo Sobre Stenoses do Esophago, Dissertação Inaugural Apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Imp. C. Vasconcellos.

Outras Fontes

Regulamento para as escolas médico-cirúrgicas de Lisboa e Porto.(1840). Lisboa: Imprensa Nacional.